

# TRÂNSITOS ENTRE A MEDICINA E A ARTE

TRANSITS BETWEEN MEDICINE AND ART

TRÂNSITOS ENTRE LA MEDICINA Y EL ARTE

**José Henrique Barreto**

Hospital São Rafael, Salvador, Bahia

José Henrique Barreto é Doutor em Medicina pelo Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde (UFBA) e Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes (UFBA). Na Medicina, atua nas áreas da Pediatria, Oncologia Pediátrica e Epidemiologia. Participa ativamente como pesquisador tanto na Medicina, quanto nas Artes Visuais, buscando aliar esses campos de conhecimento como filosofia de vida. Atualmente trabalha no Hospital São Rafael, em Salvador, Bahia, como oncologista pediatra. Hospital São Rafael - A. São Rafael, 2152 – São Marcos, Salvador – BA, 41253-190 | [jhsbarreto@gmail.com](mailto:jhsbarreto@gmail.com)



## RESUMO

Reflexões do médico e artista José Henrique Barreto sobre sua incursão pelos campos artístico e científico, e os procedimentos que utiliza para integrar os diálogos entre essas áreas na configuração de sua poética.

**Palavras-chave:** Arte e Medicina; Procedimentos Médicos na Arte; Corpo Humano na Arte; Relações Arte e Ciência

## RESUMEN

Reflexiones del médico y artista José Henrique Barreto sobre su incursión en los campos artístico y científico, y los procedimientos que usa para integrar los diálogos entre esas áreas en la configuración de su poética.

**Palabras clave:** Arte y Medicina; Procedimientos médicos en el arte; Cuerpo Humano en el Arte; Relaciones Arte y Ciencia

## ABSTRACT

Reflections of the medical doctor and artist José Henrique Barreto on his incursion into the artistic and scientific fields, and the procedures he uses to incorporate the dialogues between these areas in the configuration of his poetics.

**Keywords:** Art and Medicine; Medical Procedures in Art; Human Body in Art; Art and Science Relations

## TRÂNSITOS ENTRE A MEDICINA E A ARTE

José Henrique Barreto

Formei-me em Medicina em 1983. Desde então, venho trabalhando com câncer na criança e no adolescente, vivenciando assim as transformações provocadas pela doença e pelo tratamento destas pessoas. É um trabalho árduo no qual convivo com rupturas na forma habitual de viver, a incerteza de futuro e o enfrentamento da possibilidade da morte. Em março de 2010 defendi meu doutorado em Medicina pelo Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde da UFBA, enquanto desenvolvia pesquisas artísticas no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma universidade. Concentrei-me na exploração de um vocabulário poético visual a partir de elementos deslocados da ciência médica. Aproximei-me do estudo acadêmico em artes para desenvolver ações que possibilitassem a união entre as duas áreas. Desde aquela época tenho me apropriado de elementos da ciência para dar forma a uma linguagem visual contemporânea em que me sirvo da experimentação e de diversos materiais e suportes, estreitando os limites entre esses saberes e práticas. As modificações impostas pelo processo saúde-doença induzem a múltiplas leituras do corpo: um corpo que era familiar antes de adoecer torna-se estranho, deformado, distorcido. Meu contato com a condição humana no âmbito da medicina tem propiciado a minha aproximação com a prática artística. Nesta, posso trabalhar com representações e metáforas de doenças, limitações, vulnerabilidade, tristeza, luto, processos curativos e paliativos, rituais e lembranças, morte e corporeidade.

Na minha vivência na oncologia pediátrica, na pesquisa sobre tumores ósseos e seu tratamento, enxerguei que nos objetos terapêuticos havia uma plasticidade e uma beleza não revelada, escondida pelos dissabores que envolve seu uso e pela estigmatização sofrida pelos usuários desses aparelhos. Fui a campo em oficinas de próteses e órteses e em laboratórios de genética, patologia e anatomia na Faculdade de Medicina e do Instituto de Ciências e Saúde da UFBA, para entender

a modificação, preservação do corpo e sua dissecação. Desde então utilizo procedimentos dessa natureza, como a incrustação em resina de peças orgânicas, desidratação, costura, queima, inserção de objetos, gravação na pele, além de deslocar objetos do seu uso habitual, dando-lhes novo significado.

Os laboratórios de química e genética me deram subsídios para incorporar elementos de expressão, como a transparência e a assepsia. Se na prática da medicina trabalho em ambiente estéril, dentro do meu universo artístico acontece a “contaminação” no trato com a matéria e na negação da lógica e da funcionalidade. Já criei instalações com objetos “organizadamente desarrumados”: tubos de ensaio, copos de Becker, Erlenmeyers, frascos Kitazato, provetas, balões volumétricos e com saída lateral, trompas de vácuo,



Fig. 1 José Henrique Barreto - Sem título. Fotografia do autor

cadinhos, placas de Petri, pipetas, cálices, funis de decantação, almofarizes com pistilo, condensadores etc. (Fig. 1). Percebo que a ciência e a arte estão em contato por meio de vasos comunicantes, tubos interligados, fios, soluções e meios. A tessitura do caos transparece nos frascos e vidros, apresentados sob a forma de um laboratório simulado, articulado por uma interpretação visual caótica. É a metáfora do homem contemporâneo que desorganiza e muda os fundamentos da vida.

Desde 1977, lido com a dura realidade dos hospitais e outros serviços de saúde. Angustiado com o enfrentamento da efemeridade da vida e com a degradação física dos corpos, trabalho com as questões do corpo desconstruído e ausente. A fragmentação do corpo também é uma das constantes na minha obra. Ao longo da minha carreira tenho presenciado práticas terapêuticas em que se espera que a ablação de uma parte do corpo resulte na cura de uma determinada afecção: a retirada de um rim (nephrectomia), a amputação (retirada de uma estrutura orgânica –por exemplo, os membros), a enucleação (retirada de um núcleo –por exemplo um dos olhos). Outros exemplos de perda de partes do corpo estão associados a acidentes mecânicos (automobilísticos, laborais etc.) e à tecnologia bélica (minas e guerras), em que o homem é obrigado a viver com o corpo incompleto. O corpo exposto por esquarteramentos e ferimentos revela a sua fragilidade. Desta forma, o ser humano passa a conviver com uma nova estética, uma anatomia diferenciada em que a ausência de uma parte é indício da sua preexistência.

As relações entre o corpo e as tecnologias médicas têm sido objeto de meu interesse como médico e artista. As histórias da anatomia e das tecnologias de visualização

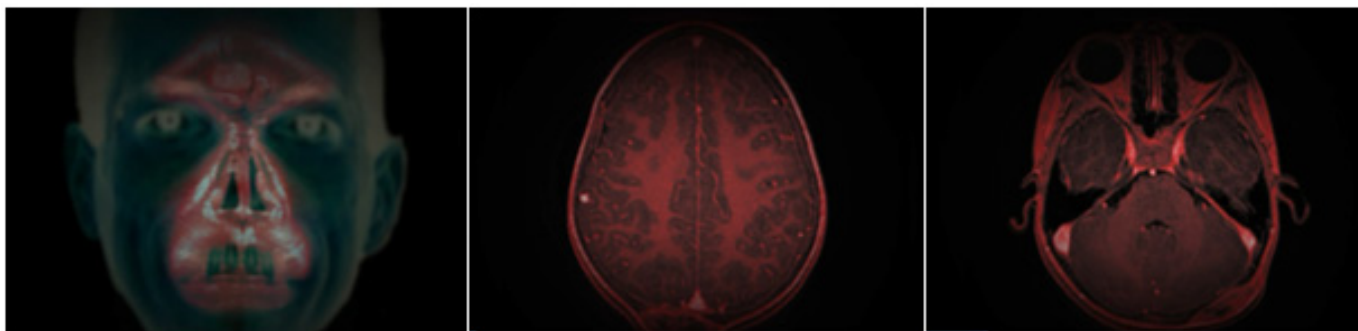
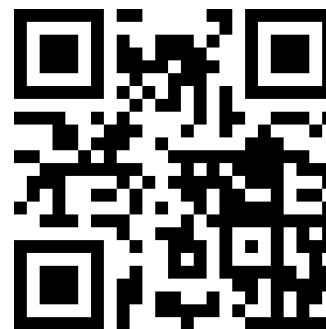


Fig. 2 José Henrique Barreto. Frames do vídeo *Ressonâncias* - Fotografia do autor

testemunham a forte relação do visual com a verdade científica. Os avanços alcançados pelo desenvolvimento científico e tecnológico nos campos da biologia, da saúde e da vida em geral, têm colocado a humanidade diante de situações inimagináveis. Frequentemente temos notícias da descoberta de métodos cada vez mais complexos para diagnosticar, prevenir ou tratar as mais diversas afecções. Na obra *Ressonâncias* (Fig. 2), trago a fusão de imagens em quatro contextos diferentes: meu corpo exterior, meu corpo interior, o corpo do outro (anônimo) e o corpo do fruidor. Trata-se de exames de ressonância magnética que foram modificadas para reduzir o caráter literal da tecnologia médica. Assistir ao vídeo nos põe em contato com o corpo-invisível, com nosso interior, com estruturas às quais habitualmente não se tem acesso.

A dor é um dos elementos da minha obra, decorrente de cortes, suturas e a presença do sangue e da pele. O contato que se repete no meu dia a dia com esses estímulos, faz com que a sensação de desconforto causada pela dor desapareça quase por completo. A minha forma de enxergar a dor está associada à banalização do ato

cirúrgico em função da minha profissão, onde cortar e suturar faz parte de um universo laboral cotidiano. O procedimento geralmente é feito sob anestesia, o que anula a sensação dolorosa. Assim, deixo de sentir a dor e passo a observá-la.



Para ver o vídeo *Ressonâncias*,  
aponte para o código QR

Em *Corpo Santo* discuto o conceito de superfície, limites e fronteiras (Fig. 3). Procurei construir as imagens a partir da intervenção em uma manta de couro de carneiro, tipo pergaminho, onde fiz uma incisão com uma lâmina de bisturi e suturei com uma agulha cirúrgica curva e fio de linho. Utilizei pontos cirúrgicos descontínuos (sutura interrompida), iniciando no ângulo e, depois, nas metades das retas, para suturar a "pele". Esta técnica cirúrgica é conhecida como sutura de aposição, em que as bordas da ferida cirúrgica se encostam no mesmo plano. Cada nó é uma entidade separada e o rompimento de um ponto não compromete os outros. O passo seguinte da obra foi a inserção do meu corpo: fotografei e sobrepus minha pele à pele do carneiro,

utilizando programas de edição de imagem. Feito isto, meu corpo passou a integrar a instalação fotográfica pela fusão da minha pele com a pele do animal.

Adentrando por outra seara, tenho pensado na visceralidade. Entendo que a visceralidade constitui uma dimensão corporal que é por natureza recessiva e ausente, que foge de minha percepção direta e que, no entanto, é constitutiva da corporeidade. Um coração bovino, salgado, desidratado, lavado, inserido em um bloco de resina de poliéster cristal, transparente, deixa perceber parte do corpo, que é sentida pelo seu ritmo e dor; sabemos que o órgão existe através dos seus mecanismos de funcionamento (Fig. 4). Para dar um tratamento pessoal, diferente daquele imposto



Fig. 3 José Henrique Barreto. *Corpo Santo* - Fotografia do autor



Fig. 4 José Henrique Barreto - Sem título. Fotografia do autor

pela abordagem médica, bordei em sutura cirúrgica contínua na face externa das suas câmaras cardíacas um caminho que vai da base ao ápice e simboliza o fio que nos conduz à vida.

Penso que o compromisso primordial do artista é com seu interior. A ciência apresenta uma necessidade de coerência que não se limita ao próprio cientista, mas à comunidade da especialidade à qual ele pertence. A ciência está impregnada de regras, princípios e leis que tentam explicar a complexidade daquilo que é próprio ao ser humano. Vejo que atingir um estado de compreensão das coisas para além do imediato está intimamente ligado tanto às ciências como às artes. Quanto ao cientista, sua pesquisa passa por experimentações e comprovações mediante a apresentação e aprovação de uma comunidade científica. Acredito que os cientistas tendem a se tornar especialistas, estreitando seus campos de ação, enquanto os artistas se empenham em dar forma e conteúdo a uma visão mais dilatada do sensível.